

Mídia e democracia: um perfil dos observatórios de meios na América Latina

Susana Herrera Damas

Doctora en Comunicación

sherrera@udep.edu.pe

Universidad de Piura, Peru

Rogério Christofoletti

Doutor em Comunicação

rogerio.christofoletti@uol.com.br

UNIVALI, SC

Resumo

Os observatórios de meios são um advento recente entre os países latino-americanos. Há exemplos de monitoramento espalhados por todo o subcontinente. Além de contribuir para o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, os observatórios ajudam a difundir uma cultura de consumo crítico das informações. Isso contribui para o aprimoramento da democracia na medida que promove valores como transparência, liberdade e cidadania. Para esboçar um perfil dos observatórios na América Latina, foram analisadas dez experiências de seis países, destacando-se características comuns e traços que as diferenciem.

Palavras-chave: Observatórios de Meios, América Latina, Democracia.

"Como, no entanto, a mídia, e em nosso caso a imprensa,

não pode eximir-se de críticas, é condição de saúde para

um país democrático que a imprensa possa

colocar-se em questão."

Umberto Eco – Cinco Escritos Morais

A restauração de regimes democráticos, a reconstrução de instituições sólidas que tentem conter o esgarçamento do tecido social e a disseminação de uma cultura de respeito aos direitos dos cidadãos são processos que vêm redesenhandando o mapa da América Latina. São movimentos lentos, mas muito relevantes para uma nova história do subcontinente que no século passado serviu como um dos maiores laboratórios antidemocráticos do planeta.

É bem verdade que a América Latina ainda está muito longe da estabilidade política vivenciada há décadas pelos países da América do Norte e da Europa, por exemplo. No entanto, a situação entre os latinos já é bem diferente da ocorrida entre as décadas de 60 e 80 do século XX, marcada por sobressaltos nos sistemas políticos¹.

A mudança das coordenadas geopolíticas facilitou as coisas para a América Latina. A Guerra Fria arrefeceu; despontaram na economia os tigres asiáticos; o Oriente Médio projetou-se para além dos cartéis petrolíferos; os Estados Unidos oscilaram o foco de sua política externa. A maioria dos ditadores latinos caiu e o retorno da democracia trouxe à tona mais valores que a simples escolha dos representantes públicos e a mera alternância de poder. Princípios como a liberdade civil, a cidadania como condições de sustentação das sociedades democráticas e a transparência (*accountability*) emergiram com força no debate público.

Nas últimas décadas, os cidadãos latino-americanos amadureceram, e com eles as instituições. Os meios de comunicação não se mantiveram à margem desse desenvolvimento e assumiram papel crucial na difusão dos valores de uma cultura democrática. A liberdade, a cidadania e a transparência ocuparam as colunas dos jornais, os canais de televisão e rádio, a internet, as revistas. E a intervenção para o reforço da transparência na vida pública latino-americana talvez venha sendo a maior contribuição da mídia para o avanço do subcontinente.

Em muitos pontos da região, a mídia assumiu uma missão de Quarto Poder, aquele que fiscaliza o Executivo, o Judiciário e o Legislativo. Mas para a vigência completa do princípio da transparência, nem mesmo a mídia pode escapar da fiscalização, da vigilância, do acompanhamento. Neste contexto, os observatórios de meios colocam-se como potentes instrumentos sociais de exercício da crítica, de monitoramento institucional e de promoção do público a elemento ativo no processo da comunicação.

Os observatórios de meios assumem um importante papel no que se pode chamar de uma “alfabetização midiática”. Isto é, os *media watchers* não exercem apenas a crítica, mas também trazem à tona temas que possam chamar a atenção do público para uma leitura menos ingênua e passiva dos meios, suscitando debates, comparações, observações mais apuradas. Neste sentido, os observatórios de meios ajudam a promover a emergência de um consumidor mais crítico e pró-ativo no consumo das informações no imenso mercado de fatos, opiniões e versões. Na falta de uma análise mais exaustiva do papel dos observatórios como instrumentos de alfabetização midiática, o que se pode fazer é apresentar essas instâncias de supervisão dos meios. Para isso, o presente artigo expõe semelhanças e diferenças dos casos latino-americanos a partir de uma investigação que já se estende por mais de um ano².

Aspectos Metodológicos

Não é fácil caracterizar uma realidade que se encontra em pleno movimento. Isso porque, entre outras coisas, os observatórios de meios são experiências que apenas surgem e que “ensaiam sua própria figura”, conforme Rey (2003b). São empreendimentos pouco numerosos e recentes – se comparados a iniciativas norte-americanas como a FAIR, que tem vinte anos de existência. No entanto, por estarem inseridos em

¹ Neste período, a maioria dos países da região assistiu a intervenções militares, golpes de estado e governos com raiz ditatorial. Exemplos mais evidentes foram o Peru, Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina e Brasil.

² Alguns dos resultados já foram apresentados em Herrera (2005).

realidades que buscam uma estabilidade política-econômica-social e por monitorarem um sistema midiático pouco autônomo, os observatórios latinos têm uma função mais estratégica na consolidação da democracia que seus análogos norte-americanos. Por essa e por outras razões, cabem esforços para identificar, tipificar e classificar as experiências de acompanhamento da mídia no subcontinente.

Para traçar um esboço da natureza, da estrutura e do funcionamento dos observatórios da América Latina, seguimos algumas orientações metodológicas.

a) Como amostra representativa, levamos em consideração dez experiências registradas em seis países. São eles: *Observatório da Imprensa*, *Agência Nacional dos Direitos da Infância* (ANDI), *Monitor de Mídia* e *Observatório Brasileiro de Mídia*, todos no Brasil; *Veeduría Ciudadana de Comunicación Social* e *Observatorio de Medios*, ambos no Peru; *Observatório Fucatel*, no Chile, *Observatorio Global de Medios*, na Venezuela; *Observatorio de Medios da Universidad de La Sabana*, na Colômbia, e *Observatorio de Medios UTPA*, da Argentina.

b) Acompanhamos o trabalho desses observatórios pelas informações que disponibilizam em seus *websites*.

c) Para completar, entrevistamos por telefone alguns dos responsáveis pelos observatórios. Essas entrevistas em profundidade partiram de um questionário semi-estruturado e foram realizadas de maio a setembro de 2005.

d) Por fim, cotejamos os dados relativos aos observatórios e identificamos traços de semelhança e que outros que distingam as diversas iniciativas no que tange detalhes do seu trabalho, alcance, difusão das leituras críticas, origem e composição da equipe, entre outros pontos. Os principais resultados vêm a seguir.

Traços comuns

Existem pelo menos dez características que assemelham os observatórios de meios analisados. A primeira delas é o **reconhecimento da importância da comunicação e dos meios para a consolidação das democracias modernas**³. Conforme Wolton (1999, p.145), não existe democracia possível sem comunicação e, por outro lado, a comunicação é inseparável do modelo de democracia de massas. As duas realidades – democracia e comunicação – resultam indissociáveis, portanto. Rey recorda que os valores mais sólidos da democracia estão intrinsecamente relacionados à comunicação:

Si ustedes revisan buena parte de los valores más consistentes de la democracia, son valores que tienen que ver con la comunicación o que precisan las comunicaciones, como por ejemplo, la tolerancia y el pluralismo. El pluralismo es un valor temprano de la democracia, de la política democrática. Debe haber pluralismo y visibilidad de la diversidad y reconocimiento de los diferentes, de lo diverso, y uno de los medios para hacerlo visible es la comunicación, aunque no el único (2002, p. 42).

Entre as razões que justificam esta confluência se encontra a convicção de que talvez o diálogo não seja a solução de todos os problemas, mas que a solução passe pelo diálogo. É dentro desse contexto que os Observatórios de Meios se colocam como uma alternativa possível para resolver conflitos. Se a democracia é o sistema com maiores liberdades individuais e sociais e é o sistema que permite participação cidadã, os meios de comunicação se revelam como ferramentas fundamentais para assegurar a vigência e o futuro deste mesmo sistema. Segundo Alfaro (2005, p.17), os meios são agora os “verdadeiros políticos do país, tendo absorvido a representação social que a política deixou de lado”. Além do mais, tem-se dito que a ação pública dos meios é tão indispensável na atual conformação das sociedades modernas que constitui uma das determinantes da sociedade contemporânea (cf. BENITO, 1978; VERÓN, 1975).

De modo geral, todos os observatórios analisados atuam tendo como pano de fundo a relevância social da mídia nas sociedades, e mais: consideram o amplo poder que os meios podem exercer em mudanças estruturais.

Apesar da transcendência que os observatórios outorgam à comunicação em geral e aos meios em particular, existe ainda uma percepção generalizada de que os meios não estão fazendo as coisas como deveriam e que seus profissionais se encontram em uma situação realmente crítica. Há uma **insatisfação com a atual condição dos meios**, e este sentimento é mais um traço comum entre os observatórios acompanhados. Essas instâncias de observação encontram sua razão de ser justamente no questionamento do papel, da orientação, dos procedimentos e das práticas dos meios de comunicação, pontua Rey (2003b). De um modo geral, as críticas aos meios denunciam as formas questionáveis de se fazer jornalismo, com base na triviliadade, no exagero, na superficialidade, na tirania do acontecimento, na dramatização e na espetacularização da realidade ou ainda por meio da busca do negativo (bad news, good news). Não fogem às críticas a falta de rigor na apuração, a imprecisão, as calúnias, o uso da mídia com fins exclusivamente políticos ou comerciais, a invasão à privacidade, a busca da informação por meios ilegais e o descarte do interesse público em nome de outros interesses. A lista de críticas dos observatórios à atual situação da mídia se estende a aspectos como a oligopolização dos meios e a submissão da indústria jornalística a determinados interesses ideológicos⁴.

Se os observatórios são críticos à atuação de meios e de jornalistas, uma consequência é a **reivindicação de uma outra forma de entender e exercer a prática jornalística**, terceiro traço comum entre as experiências latino-americanas. Por acreditar num outro jornalismo, os observatórios pregam um *modus operandi* mais pluralista, rigoroso, preciso, equilibrado e justo. Além disso, jornalistas e meios devem escutar a cidadania, seus interesses, demandas, gostos e preferências; devem estar mais comprometidos com a imparcialidade, com a denúncia e a busca da verdade; devem permitir uma maior democratização dos meios⁵. Assim se manifestaram, por exemplo, um conjunto de organizações latino-americanas de

³ A associação colombiana Medios Para la Paz sustenta que “los observatorios se fundamentan sobre los pilares de la libertad de expresión, la libertad de información, el derecho a la ciudadanía y en el ejercicio de ésta como derecho fundamental en la democracia participativa” (Medios para la Paz, 2005).

⁴ No caso brasileiro, Christofoletti (2004) enumera dez fatores que impedem a vigência de uma cultura efetiva de crítica de mídia. Os observatórios de meios locais concentram-se na denúncia dessas condições, ao mesmo tempo em que padecem com a existência delas.

⁵ Ainda falando do caso brasileiro, Christofoletti (2005a) afirma que isso está longe de ser real.

comunicação reunidas em Quito no Forum Social das Américas, em julho de 2004⁶. A partir do entendimento da comunicação como um direito humano fundamental que assiste a todos os indivíduos, essas organizações reforçaram a compreensão de que a comunicação e o jornalismo devem servir para a inclusão social, para a expressão das diferenças e para a busca do bem comum. A comunicação e as tecnologias da informação podem funcionar como instrumentos úteis ao desenvolvimento humano integral, democrático e sustentável.

Na demanda de outra forma de entender a comunicação, os meios e a prática jornalística, os observatórios requerem também a atuação dos consumidores, outro elemento da equação informativa. Dito de outra forma: os promotores dos observatórios reconhecem que a mudança de determinados aspectos da profissão não depende apenas de seus esforços, mas também de formas de comprometimento dos usuários nesta tarefa. Neste sentido, uma outra missão dos observatórios é educar a população a consumir criticamente as informações e a exigir um jornalismo com mais qualidade. Trata-se, então, de o público deixar para trás uma passividade característica para um comportamento mais ativo no processo. Este entendimento traz embutida mais uma característica comum entre os observatórios latinos: **a reivindicação de um outro público consumidor, mais participativo.**

A constância da prática nas instâncias de observação é outro traço que assemelha as iniciativas latino-americanas de *media watching*. De maneira geral, há um **exercício constante, regular e sistemático de monitoramento**. Não se trata de um caso isolado, episódico, passageiro ou circunstancial. Assim, os observatórios surgem com uma vocação que se sustenta e amadurece ao longo do tempo, na progressão das análises e do monitoramento dos meios que realiza. Ao tomar séries históricas, comparar situações e tecer considerações, os observadores alcançam um patamar de leitura mais profundo e suas críticas assumem uma legitimidade maior. É certo que a intensidade com que realizam seus monitoramentos varia de acordo com cada caso. Há observatórios que acompanham diariamente o que dizem os meios, enquanto outros se debruçam sobre certas ocasiões como coberturas eleitorais, por exemplo. Mas em que pese variações na intensidade e freqüência, o exercício de monitoramento é habitual e ordenado.

A constância desses esforços tem por trás uma **intencionalidade revisionista ou reformista**. Isto é, os observatórios de meios da América Latina operam na dimensão de oferecer contribuições para o aperfeiçoamento da mídia e de seus profissionais bem como de seus processos. A crítica exercida pelas instâncias de observação não é um fim em si mesmo, mas um meio por meio do qual se pode alcançar patamares mais elevados de qualidade técnica na mídia. Esta intencionalidade reformista é um diferencial dos observatórios latino-americanos, se comparados aos análogos de outras regiões. Na Espanha, por exemplo, os observatórios fazem diagnósticos de como a mídia aborda certos conteúdos (saúde, imigração, saúde, etc.). Ainda entre os europeus, o que mais se aproxima dos latinos é *Observatoire Français des Médias*, ligado ao *Media Watch Global* e criado a partir do Fórum Social Mundial de 2003, a exemplo de outros na própria América Latina.

⁶ Trata-se de organizações que integram a Red Latinoamericana de Comunicación: ALAI, ALER, AMARC, Proyecto Monitor de Políticas TIC en LAC de APC, OCLACC, Radipaz, WACC e ADITAL. Esses e outros atores elaboraram um documento que pode ser lido na íntegra em *Sala de Prensa*, número 74, de dezembro de 2004. Disponível em www.saladeprensa.org/art574.htm, consultado em 21 de setembro de 2005.

É claro que os observatórios latinos não são os únicos com intencionalidade reformista, mas esta é da própria essência dos exemplos aqui analisados. Isso se observa de maneira mais radical e contundente nestes paralelos, até porque outro traço entre os latinos reforça essa condição: os *media watchers* locais têm **caráter propositivo e finalidade mais prescritiva que descritiva**. Esta condição impulsiona-os a formular outras práticas, estilos e conteúdos possíveis de maneira que a crítica não seja destrutiva, mas construtiva e edificante. Um exemplo evidente é a Veeduría Ciudadana, do Peru, que só conclui suas investigações com propostas, pautas ou sugestões de melhoria aos meios. Em 2002, o observatório avaliou a programação infantil na televisão peruana e a partir dessa análise e de consultas públicas, elaborou uma extensa pauta de mudanças destinadas aos empresários e produtores de televisão, aos anunciantes, aos setores competentes da Educação, ao Estado e à família. Três anos depois, a Veeduría realizou pesquisa semelhante, mas com foco na igualdade de gênero na programação das TVs⁷.

A atuação da Veeduría comparada a outros casos – como o Observatório da Imprensa ou mesmo a ANDI – mostra outro traço que se pode creditar aos *media watchers* latinos: a **diversidade e a criatividade** com que operam. De maneira geral, as iniciativas observadas compartilham um forte compromisso com a ação. As conexões entre observação e ação concreta também são identificadas por Broullón, Hernández, López y Pereira (2005), que reconhecem nesse caráter algo do perfil que procuramos traçar. Mas não se pode afirmar que haja dois observatórios que trabalhem da mesma maneira. Neste sentido, o que se observa é que a necessidade de encontrar uma maior variedade nas atuações desafia a criatividade dos envolvidos com o *media watching*.

Uma nona característica comum entre os casos analisados é a **convicção da importância de divulgar a atividade de monitoramento**. Os observatórios necessitam tornar público o resultado de suas pesquisas a um público maior buscando exercer uma pedagogia crítica com relação ao consumo das informações. A divulgação de suas atividades se converte, então, num dos primeiros trabalhos que, em algumas ocasiões, chega a possibilitar os demais. Novamente, percebe-se que não se trata de divulgar por divulgar, mas que esta tarefa de divulgação e inclusão dos temas preocupantes na agenda dos meios persegue a mesma preocupação mencionada anteriormente de contribuir para o aperfeiçoamento da mídia.

No que tange à publicização das suas atividades e resultados de análise, os observatórios latinos têm especial **predileção pelo emprego de novas tecnologias**. Em qualquer caso, todos os *media watchers* demonstram essa preferência, principalmente a internet. Concorrem para isso baixos custos, grande flexibilidade, acessibilidade, rapidez, penetração na sociedade e facilidade de manejo. A internet se revela como o suporte tecnológico onde nascem os observatórios, mostra-se o terreno que lhes permite desenvolver suas atividades e ainda divulgar sua atuação com um amplo alcance e de forma muito econômica. Os instrumentos mais usados são *websites*, *blogs* ou o envio de *newsletters* eletrônicas.

Em alguns casos, o uso da internet não se limita a difundir o trabalho dos observatórios, mas chega a ser vital na própria operacionalização interna de seus profissionais. A Veeduría Ciudadana e a Rede ANDI-América Latina usam a *web* para articular seus movimentos em outros países e coordenar ações.

⁷ O mesmo observatório foi decisivo nas discussões acerca da nova Lei de Rádio e Televisão, promulgada em 2004 e que trouxe avanços ao setor. A Veeduría chegou a apresentar um projeto alternativo

Estes os traços comuns aos observatórios. No entanto, essa realidade não é homogênea, sendo necessário também para este perfil, enumerar aquilo que ajuda a diferir cada experiência observadora.

As diferenças entre os observatórios

A figura do observatório de meios assume na América Latina uma grande variedade de formas e se revela como um mecanismo certamente versátil cuja configuração se molda à criatividade de seus realizadores. Ademais, é preciso recordar que este é um advento recente que ainda desenha seus contornos. Em todo caso, os principais critérios que permitem diferenciar a atividade dos observatórios no subcontinente estão na diversidade da origem e dos modos de funcionamento, na variedade da composição, dos aspectos que analisam e dos instrumentos metodológicos e na disparidade na orientação ideológica e na sistematização das atividades.

Ainda que os observatórios surjam como resultado da percepção de que os meios de comunicação estão numa situação crítica, a iniciativa de constituir um empreendimento como este pode surgir em três âmbitos distintos, conforme Rey (2003): na academia, no mercado e na sociedade organizada. Os observatórios vinculados a universidades e faculdades de comunicação social, a partir de uma perspectiva predominantemente acadêmica, recordam qual deve ser a função dos meios nas sociedades contemporâneas e reforçam a necessidade da conduta dos jornalistas estar orientada por parâmetros éticos e de qualidade. Encaixam-se nesta modalidade de origem o Monitor de Mídia, do Brasil, e o Observatório de Mídios da Universidad de La Sabana, da Colômbia.

O segundo caso é o dos observatórios promovidos pelos próprios profissionais da imprensa, destinados a analisar criticamente as práticas do mercado e a propor correções nos procedimentos adotados pelos pares. São exemplares deste tipo o Observatório da Imprensa, do Brasil, e o Observatorio de Medios da União dos Trabalhadores da Imprensa de Buenos Aires (UTPBA), da Argentina.

Um terceiro grupo está constituído por observatórios que surgem de iniciativas organizadas da sociedade. Na sua composição, podem participar jornalistas profissionais, mas a grande maioria dos participantes é voluntária e não está ligada ao exercício profissional da comunicação. A Veeduría Ciudadana, no Peru, é o caso mais paradigmático.

Diretamente ligado à **diversidade em sua origem**, os observatórios latino-americanos **divergem também na composição de seus coletivos**. Essas conformações também seguem três modelos: quando apenas são formados por professores, estudantes e pesquisadores da academia; quando são formados apenas por profissionais do jornalismo; ou quando reúnem esses componentes mais outros atores socialmente organizados, como associações, organizações-não-governamentais (ONGs), empresas e conselhos.

Um terceiro aspecto distintivo dos *media watchers* latinos é a orientação ideológica que move suas atuações. Rey (2003) chama a isso “ubicación política”. O que esta pesquisa constatou foi que os observatórios são mecanismos análogos a outras experiências de *media criticism*, como as associações de consumidores e usuários de meios. Nos Estados Unidos, por exemplo, é clássico referir-se à *Fairness and Accuracy In*

Reporting (FAIR) e à Accuracy In Media (AIM) como instâncias de observação a partir de perspectivas contrárias: liberal e conservadora, respectivamente.

Afora as distâncias, os observatórios latino-americanos **diferem também na sua orientação ideológica**, e esta pode ser manifesta de maneira mais ou menos explícita, levando sempre em consideração a atividade de monitoramento. Entre os casos avaliados nesta pesquisa, percebeu-se que a maioria dos observatórios latino-americanos se situa em posições mais próximas à liberal do que da conservadora. Essas localizações dentro do espectro político foram firmadas pelos próprios promotores dos observatórios quando indagados sobre a orientação ideológica de suas equipes.

Os observatórios do subcontinente são **heterogêneos também em suas estruturas de funcionamento**. As possibilidades vão dos observatórios mais informais e flexíveis até aqueles que têm sua razão social formalizada em documentos, como atas fundacionais, regimentos, etc. Um exemplo do primeiro tipo pode ser encontrado na *Veeduría Ciudadana de la Comunicación Social*, que se inclina pela ausência de estatutos para tornar mais ágeis e flexíveis seus trabalhos. No lado contrário, encontramos a experiência do *Observatorio Global de Medios de Venezuela*, organismo muito mais formalizado que dispõe de Atas Fundacionais destinadas a definir e consolidar o projeto, além de apresentá-lo publicamente.

Por sua vez, o observatório da ANDI é uma experiência bem diferente. Na realidade, a ANDI é a Agência de Notícias pelos Direitos da Infância que monitora os meios como uma de suas estratégias de sensibilização e mobilização. Os resultados das suas análises tratam de contribuir para que o tratamento de temas relacionados à infância e adolescência tenha uma maior qualidade. Ainda que inicialmente sua atuação se limitasse à capital brasileira, pouco a pouco, a ANDI expandiu seu alcance para outras regiões. Foi essa motivação que justificou o nascimento da Rede ANDI Brasil, em março de 2000, com o claro propósito de articular diversas organizações de comunicação na promoção dos direitos das crianças brasileiras. Hoje, a rede reúne onze associações. Posteriormente, em setembro de 2003, a ANDI estendeu-se para fora do país, criando a Rede ANDI América Latina. De forma análoga, a idéia é que as entidades dos dez países que hoje integram o coletivo empreguem a metodologia criada inicialmente pela ANDI.

A **variedade dos aspectos analisados** pelos observatórios é outro ponto a ser destacado. Alguns dos assuntos que mais chamam a atenção são os tratamentos de assuntos relacionados aos direitos da infância e dos jovens, questões de gênero, o papel dos meios na representação dos conflitos internos, a relação entre informação e eleições, os direitos humanos, a intimidade, a figuração da alteridade, a terceira idade, entre outros. Não só variam os temas, mas também os enfoques dados. Essa dupla especialização temática – conteúdo e enfoque – poderia ser um elemento em comum dos observatórios latino-americanos e europeus já que a especialização temática é também uma das tendências atuais observadas no velho continente. Em todo caso, e apesar de cada observatório centrar sua atenção em determinadas temáticas, pode-se dizer que todos estão interessados na avaliação das coberturas em termos de uma ética jornalística. Nas palavras de Broullón, Hernández, López e Pereira (2005), a avaliação de critérios éticos nos meios é uma constante que se pode perceber em todos os observatórios. Exceto essa inquietude compartilhada, os temas analisados são muito distintos entre os *media watchers* analisados.

Variam também os instrumentais metodológicos. Neste ponto, deve-se ter claro que o termo “metodologia” designa o modo por meio do qual enfocam os problemas e se buscam as respostas. A escolha de uma metodologia ou outra depende dos princípios, dos interesses e dos propósitos dos observatórios. Os resultados desta investigação mostraram que um alto índice dos *media watchers* latinos concedem uma grande importância ao emprego de instrumentos metodológicos rigorosos não apenas como uma qualidade indispensável que deveria ter qualquer observatório mas também como uma garantia que isenta as análises da subjetividade dos seus autores⁸.

Apesar desta percepção, o que se vê também é uma alta diversidade das técnicas empregadas. A maior parte utiliza o monitoramento simples – a partir do rastreamento de uma variável num conjunto de meios sem uma excessiva sistematicidade, profundidade e rigor – e outros completam os resultados de suas análises com outras técnicas mais sofisticadas e refinadas como a Análise de Conteúdo, a Análise do Discurso ou a Análise de Narrativas. Entre essas, merece especial atenção a Análise de Conteúdo por seu enorme potencial para o estudo de mensagens jornalísticas, muito embora – como já se disse – poucos sejam os que a utilizem como uma metodologia de observação da mídia. Neste sentido, revela-se uma certa contradição entre o que se declara teórica ou conceitualmente – a importância de dispor de instrumentos refinados para a análise – e o fato de que, na prática, as leituras ficam muitas vezes reduzidas ao emprego de uma única técnica que, por outra parte, é a menos rigorosa.

A variável que registra a maior variação entre os dez observatórios analisados está nos **modos de funcionamento**. Assim, a diversidade dessas sistemáticas demonstra o maior alcance da diversidade e versatilidade nos casos latino-americanos. Mas em que aspectos concretos diferem as experiências do subcontinente? Em muitos. Por exemplo, no número de pessoas que integram o observatório, na sua estrutura hierárquica, nas verbas e formas de financiamento. Todas essas são questões que desafiam a criatividade dos promotores dos observatórios no momento de sua criação e estruturação.

Assim, quanto às formas de financiamento por exemplo, existem iniciativas que se mantêm com doações particulares, outros com cotas de associados, e outros ainda sobrevivem à base de assinaturas; há casos que recebem subvenções públicas. Além dessas formas, a comercialização de pesquisas, publicações ou informes, verbas da instituição a que pertence o observatório – a exemplo daqueles mantidos por escolas de comunicação -, e o apoio de ONGs nacionais ou internacionais constituem na prática outras possíveis soluções. A pesquisa revela que são raros os observatórios que contam com financiamento misto e que dispõem do apoio de duas ou mais fontes de recursos.

Um último traço de distinção entre os observatórios da América Latina diz respeito à **disparidade da sistematização das atividades**. Variam a intensidade, a freqüência e os meios que os *media watchers* acompanham. A intensidade se refere, em primeiro lugar, ao grau do detalhamento com o qual se trabalha nas análises. Em alguns casos, esta é mais moderada e só se faz uma ligeira referência aos assuntos abordados, a alguns aspectos metodológicos gerais e às conclusões mais relevantes. No outro extremo, estão os observatórios que sistematizam os resultados de suas análises com um alto grau de detalhamento.

⁸ Fatia superior a 75% dos consultados destacaram o uso de instrumentos rigorosos como uma qualidade indispensável para a constituição de um observatório de meios.

A freqüência com a qual se sistematizam as análises varia nos diferentes observatórios, indo de atualizações semanais ou quinzenais até outras, como mensais ou trimestrais.

Finalmente, os documentos que os observatórios utilizam para sistematizar sua atividade são distintos também em cada caso. Eles podem incluir informes, anuários, memórias, arquivos na internet ou mesmo publicações próprias. Neste ponto, a rede mundial de computadores – pelos baixos custos de se criar um *website*, sua grande flexibilidade e sua potencialmente alta penetração social – se revela uma vez mais como a tecnologia mais indicada não apenas para divulgar os resultados das análises dos observatórios, mas também para sistematizar suas atuações.

Tal como se pôde perceber, os resultados desta pesquisa revelam a existência de uma ampla diversidade de variantes e de numerosas manifestações para uma mesma figura, a do observatório de meios. Apesar dos diversos elementos que compartilham, o cotidiano desses observatórios na América Latina se configuram sob uma extensa margem para a criatividade, a versatilidade e a imaginação de seus promotores.

Referências

- ALFARO, R. M. (ed.). 2005. *Hacia nuevas rutas éticas en nuestros medios*. Memoria de la campaña ciudadana sobre la Ley de Radio y Televisión, Veeduría Ciudadana de la Comunicación Social, Lima.
- BARDIN, L. 1986. *Análisis de contenido*. Madrid, Akal.
- BENITO, Á. 1978. *La socialización del poder de informar*. Madrid, Pirâmide.
- BROULLÓN, G. et al. 2005. *Los observatorios de comunicación*. En: Chasqui, (90):38-45.
- CHRISTOFOLETTI, R. 2004. Dez impasses para uma efectiva crítica de mídia no Brasil. En: Sala de Prensa, (63):. Disponível en: <http://www.saladeprensa.org/art522.htm>, fecha de consulta: 19/09/2005.
- CHRISTOFOLETTI, R. 2005. O lugar da crítica aos meios num ambiente de democratização. En: III Seminário Internacional Latino-Americano de Pesquisas da Comunicación, organizado por ALAIC, en mayo de 2005, Sao Paulo.
- ECO, H. 1998. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro, Record.
- HERRERA, S. 2005. Retrato en diez rasgos de los observatorios de medios en América Latina. En: Sala de Prensa, (84), octubre de 2005. Disponível en: <http://www.saladeprensa.org>
- MEDIOS PARA LA PAZ. 2005. ¿Por qué un observatorio? Disponível en: <http://www.mediosparalapaz.org/index.php?idcategoria=2216>, fecha de consulta: 15/09/2005.
- REY, G. 2002. Comunicación y democracia. En: Memorias del Taller Nacional de Comunicación convocado por Planeta Paz. Comité intersectorial de Comunicaciones (CIC). Bogotá, Unimedios, noviembre de 2002.

- REY, G. 2003. Ver desde la Ciudadanía. *Observatorios y Veedurías de Medios de Comunicación en América Latina*. Disponible en: www.veeduria.org.pe/articulos/rey.htm, fecha de consulta: 14/09/2005.
- VERÓN, E. 1995. Interfaces, sobre la democracia audiovisual avanzada. En: FERRY, J. M. (et al.), *El nuevo espacio público*, Barcelona, Gedisa, p. 124-139.
- WOLTON, D. 1999. *Sobre la comunicación*. Madrid, Acento editorial.